

**SUPERANDO BARREIRAS NA MATERNAGEM: NARRATIVAS DE LUTA NO
CAMINHO DA GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA
BAHIA, CAMPUS DE ITAPETINGA (DADOS PRELIMINARES)**

THAYANE PAULA DE OLIVEIRA DA PAIXÃO¹

SORAYA MENDES RODRIGUES ADORNO²

MARIA GORETTE DA SILVA FERREIRA SAMPAIO³

NALY SILVA LADEIRA⁴

O presente artigo apresenta dados preliminares de pesquisa em andamento que tem por objetivo analisar o impacto dos desafios enfrentados por estudantes negras com filhos em sua experiência universitária, incluindo o desempenho acadêmico, o bem-estar psicológico e a satisfação geral. Escolhemos como participantes da pesquisa alunas mães e negras dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Itapetinga.

Nossa pesquisa teve origem a partir da observação empírica das dificuldades e desafios enfrentados por estudantes negras e mães no ambiente acadêmico, que são agravados pelas interseções de desigualdades relacionadas à classe social, à raça e ao gênero. No decorrer dessa observação, percebemos uma notável desigualdade no número de mulheres negras na universidade, seja como alunas, seja como professoras. O contingente de mulheres que acessam o ambiente universitário ainda é predominantemente composto por mulheres brancas.

As mulheres negras enfrentam uma série de desafios particulares que as colocam em uma posição de desvantagem desde o início de suas vidas.

¹ Discente do Curso de Pedagogia UESB, *Campus* Itapetinga.

² Docente da UESB, *Campus* Itapetinga.

³ Docente da UESB, *Campus* Vitória da Conquista.

⁴ Docente da UESB, *Campus* Itapetinga.



Elas precisam lidar com a interseção de machismo e racismo, o que as coloca em uma posição duplamente vulnerável e frequentemente, as sujeita a situações de desvalorização. Quando acrescentamos a maternidade a essa equação, a jornada se torna ainda mais complexa.

A realidade de ser uma mãe negra e universitária se apresenta como um caminho repleto de desafios. Nossa pesquisa procura compreender melhor essas dificuldades e suas origens, a fim de fornecer informações que possam ser utilizadas para criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e igualitário para todas as estudantes, independentemente de sua raça, gênero ou status de maternidade

Trata-se de um estudo qualiquantitativo, visto que fizemos levantamento quantitativo das alunas negras e mães que estudam na UESB e depois realizamos entrevistas semiestruturadas. Para (GIL,1999, p. 58) “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”.

O caminho metodológico para a pesquisa envolve uma abordagem abrangente e planejada que permitiu coletar dados relevantes e obter *insights* valiosos sobre os desafios enfrentados por estudantes negras com filhos nos cursos de graduação na Universidade do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Itapetinga. Segue uma breve descrição do caminho metodológico percorrido neste momento inicial da pesquisa.

A revisão bibliográfica, ainda em processo de construção, tem como objetivo principal a exploração da literatura acadêmica relacionada ao tema em questão. Isso nos auxiliará na compreensão dos dados coletados sobre os desafios enfrentados por estudantes negras que são mães em contextos universitários.

Nossa coleta de dados é conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários que abrangem diversas áreas, como desempenho acadêmico, bem-estar psicológico, satisfação e outros aspectos relevantes da vida dessas estudantes. Essa coleta de dados é



realizada com uma amostra representativa do grupo de interesse.

Simultaneamente, estamos avaliando como se dá o apoio institucional a essas estudantes negras e mães. Isso envolve uma análise minuciosa de documentos institucionais relacionados às políticas e programas de apoio disponíveis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Itapetinga, destinados especificamente a estudantes que se enquadram nesse perfil. Além disso, estamos conduzindo entrevistas com representantes da instituição responsáveis por implementar e supervisionar tais políticas, com o intuito de compreender a eficácia dessas medidas na prática.

Dessa forma, nossa pesquisa busca proporcionar uma visão abrangente e fundamentada sobre as experiências e os desafios enfrentados por estudantes negras que também são mães em contextos universitários. Além disso, tem como objetivo avaliar a eficácia das políticas institucionais existentes que visam a apoiar esse grupo em sua jornada acadêmica.

As mulheres negras desempenham um papel de significativa relevância na demografia brasileira, constituindo uma parcela substancial da população, com uma representatividade de 27,8% do total de brasileiros e brasileiras. Essa diversidade é uma característica marcante do Brasil, onde a população é composta por uma ampla gama de etnias e origens culturais. No entanto, ao analisar as estatísticas demográficas, torna-se evidente uma sub-representação histórica e uma desigualdade que afeta de maneira particular as mulheres negras.

Nossa pesquisa tem como foco central entender e documentar os desafios enfrentados por esse grupo, que enfrenta desigualdades em diversas esferas da sociedade, incluindo o acesso à educação superior. Para isso, estamos coletando dados por meio de entrevistas e questionários que abordam variáveis acadêmicas, bem-estar psicológico, satisfação e outros aspectos relevantes da vida dessas estudantes. Também estamos dedicando atenção à análise das políticas institucionais destinadas a apoiar estudantes negras e mães, incluindo documentos que delineiam tais políticas e entrevistas



com representantes da instituição responsáveis por sua implementação.

Nossa expectativa é que os resultados desta pesquisa forneçam informações valiosas que possam ser usadas para melhorar o apoio a esse grupo de estudantes, contribuindo para uma experiência acadêmica mais inclusiva e equitativa.

Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - revelam que 54% da população brasileira se identifica como negra. Paralelamente, levantamentos do Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada -, em 2016, evidenciam que as mulheres brancas recebem 70% a mais em comparação com as mulheres negras. Logo, compreender a realidade brasileira envolve a interligação de questões relacionadas a gênero, etnia e classe social. A professora Eunice Prudente destaca a obra de Angela Davis, "Mulheres, Raça e Classe," que explora temas como racismo, movimento antiescravagista, feminismo e diversos outros tópicos (PRUDENTE, 2020).

O Brasil se depara com uma realidade alarmante: as mulheres negras, mesmo quando possuem formação superior, enfrentam disparidades salariais significativas em comparação aos homens brancos com o mesmo nível de escolaridade. Os resultados revelam que as mulheres negras ganham, em média, 55% a menos do que os homens brancos em posições equivalentes. Enquanto uma mulher negra tem um salário médio de R\$ 3.571,00, um homem branco, nas mesmas condições de formação, auferem em média R\$ 7.900,00.

A mulher negra recebe remuneração menor que todos na sociedade brasileira, tanto quando a referência é gênero quanto raça, como podemos observar no gráfico abaixo:

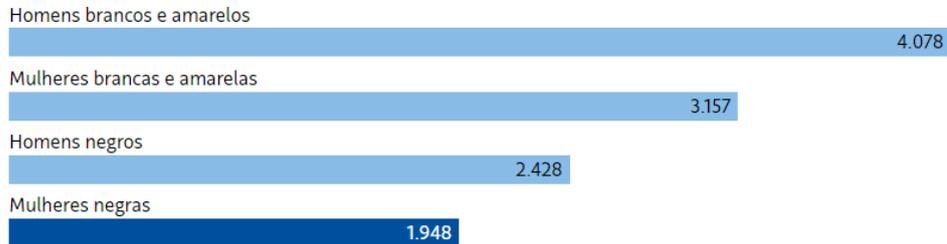
“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA
VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ

Renda média

No 1º tri.2023, em R\$*



* Rendimento médio habitual de todos os trabalhos, em valores deflacionados

Fonte: FGV Ibre a partir de microdados da Pnad Contínua/IBGE

Essa disparidade salarial é uma manifestação clara das desigualdades de gênero e raça presentes na sociedade brasileira. Ela reflete a necessidade contínua de ações afirmativas e políticas públicas que visem à equidade de gênero e à promoção de oportunidades iguais para todas as mulheres, especialmente às mulheres negras. A luta por igualdade de gênero e racial é um desafio persistente, mas é essencial para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

É notório que a sociedade brasileira sofre com um racismo estrutural que empurra a população negra para situações de vulnerabilidade. No contexto de gênero, as mulheres negras se veem sobrecarregadas com responsabilidades domésticas e o cuidado de seus filhos. Esse é um processo histórico que está sendo combatido por meio de esforços significativos de homens e mulheres conscientes desse problema social. Esse racismo estrutural é um dos principais contribuintes para a desigualdade de renda, onde mulheres negras recebem, em média, menos da metade do salário das mulheres brancas, aproximadamente 70% a menos.

A jornada de ser mulher é desafiadora, enfrentando limitações, normas e regras desde tenra idade. Esses desafios se multiplicam quando se é mulher e negra. De acordo com Gonzalez (2017), ser mulher negra significa sentir na própria pele o peso de uma sociedade que hierarquiza raça e gênero, relegando as mulheres negras a espaços marginais e invisíveis em uma



sociedade com valores e padrões historicamente hegemônicos. Os obstáculos que as mulheres negras enfrentam são ainda maiores, pois estão em uma situação de maior vulnerabilidade. Esses obstáculos ficam ainda maiores se essas mulheres negras são mães e se elas cursam uma graduação numa universidade, seja ela pública ou privada, aumentando exponencialmente as dificuldades a serem enfrentadas.

Embora uma lei de 1975 (Lei 6.202 de abril de 1975) tenha estabelecido um regime de exercício domiciliar para estudantes universitárias mães, a maternidade continua sendo um desafio considerável, especialmente no ambiente acadêmico. A pesquisa em foco se concentrou em perceber como estudantes, mães e negras, que frequentam os cursos de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e como os desafios enfrentados impactam no desempenho acadêmico, bem-estar psicológico e satisfação geral destas estudantes. Além de identificar os principais desafios enfrentados por estas estudantes, investigamos as estratégias de enfrentamento para superar tais desafios.

As mulheres negras sentem o impacto da diferença que existe dela para uma branca, pois a mulher negra precisa ganhar o seu espaço na universidade, ela precisa fazer uma boa trajetória até a sua formatura e percebemos que isso não é fácil, pois existe o racismo que delimita e oprime a mulher negra e dificulta a vida em várias áreas, inclusive na educação e, quando são mães, a uma dificuldade maior, pois querem dar o seu melhor como mãe, mas suas relações raciais dificultam, tendo envolvimento dentro e fora do ambiente acadêmico, muitas das vezes elas não acham um apoio necessário para sua permanência em uma universidade.

A mulher negra deve sim ocupar um espaço acadêmico e, sendo mãe, ela é vista como um incentivo para outras que têm o desejo de estar naquele ambiente, que, na maioria das vezes, é ocupado por mulheres brancas, com ótima classe social, mostrando que é possível sim, ser mãe negra e universitária, ajudando na luta da representatividade.

BREVE REVISÃO TEÓRICA

A realidade das mulheres negras no Brasil contemporâneo parece ser um prolongamento de sua história desde os tempos da escravidão, com poucas mudanças substanciais. Elas continuam a ocupar os estratos sociais mais desfavorecidos, carregando um fardo adicional devido ao enraizado racismo estrutural presente no Brasil.

Diversas pesquisas conduzidas nos últimos anos confirmam que as mulheres negras enfrentam níveis mais baixos de escolaridade, apesar de trabalharem mais horas, seus rendimentos são significativamente menores quando comparados a outras demografias. Apenas algumas poucas conseguem transpor as barreiras do preconceito racial e discriminação para conquistar mobilidade social (ANDRADE, 2003; VIECELI, 2023).

Para compreender a batalha das mulheres negras por seus direitos, é fundamental analisar o seu percurso histórico. Ribeiro (2019, p. 21) reivindica o feminismo como uma prática "negra" e busca apoio em teóricos para explicar o contexto histórico do feminismo. Kilomba (2012) ressalta a importância de reconhecer como a sociedade percebe as mulheres negras, enfatizando que elas continuamente buscam legitimidade e reconhecimento

A divisão interna entre as mulheres negras no ambiente universitário é uma questão de grande relevância, frequentemente nos confrontamos com uma ideologia preconceituosa e discriminatória que coloca em xeque as nossas próprias identidades (DAVIS, 2016). Como mulheres negras, sentimos a necessidade premente de aprofundar essa reflexão, em vez de perpetuar os modelos que a sociedade racista nos impõe. Isso demanda um esforço constante na pesquisa em ciências sociais para encontrar respostas e contribuir para a erradicação da violência contra as mulheres.

No entanto, as instituições nem sempre demonstram um comprometimento efetivo na resolução deste problema social profundamente enraizado na sociedade brasileira. Conforme observado por



Almeida (2020), as instituições são, em grande parte, reflexos da estrutura social e do processo de socialização, ambos permeados pelo racismo como um de seus componentes intrínsecos. Em outras palavras, as instituições refletem o racismo que existe na sociedade.

Portanto, é fundamental reconhecer o contexto histórico, social e racial das mulheres negras no Brasil e persistir na busca contínua por igualdade e justiça. Este é um desafio que exige esforços incansáveis e um comprometimento sólido com a transformação social

PRIMEIROS DADOS DA PESQUISA

Por se tratar de artigo relatando os primeiros passos da pesquisa, apresentaremos trechos de algumas entrevistas realizadas. Mesmo já tendo entrevistado alunas de outros cursos do *Campus* de Itapetinga, escolhemos, para este artigo, depoimentos apenas do curso de Pedagogia, analisando duas das questões que compõem a entrevista completa: - Quais são os desafios que você enfrenta na UESB por ser uma mulher negra, mãe e estudante de um curso de graduação? Como esses desafios impactam no seu desempenho acadêmico, bem-estar psicológico e satisfação geral? - Quais são suas estratégias de enfrentamento dessas dificuldades e como se dá o apoio institucional nestas suas dificuldades enquanto estudante negra e mãe? A universidade oferece algum suporte para melhorar suas condições de estudo?

Importante ressaltar que todas as depoentes se autodeclararam negras e que os relatos foram transcritos sem edição de texto, apenas com algumas supressões por entendermos se tratar de repetições. Segue abaixo as falas e nossas interpretações e análises:

“Como mãe me sinto desfavorecida na Universidade. Já que não tenho suporte nenhum da Universidade em relação a minha filha, não tem um local que possa deixar ela pra estudar, além disso me sinto excluídas de algumas atividades da Universidade, principalmente



viagens que estão inseridas nas aulas práticas, não posso levar minha filha nas viagens pois ela não é coberta pela Universidade é né [não] posso deixar ela já que não tenho com quem deixar. [...] sendo uma pessoa negra as dificuldades se intensifica [...] vivemos em um país ainda muito racista” (Mulher-negra-mãe-estudante A; 21 anos; Pedagogia (6º sem.); uma filha; babá).

Evidencia-se, na fala da Depoente A, a presença marcante da busca pelo reconhecimento e pela legitimidade, como afirma Kilomba (2012), em citação anterior, sendo possível vislumbrar o desafio enfrentado por essas estudantes diante do seu objetivo maior de alcançar, de forma equânime, empreender seus estudos adequada e satisfatoriamente.

Referente a primeira questão apresentamos também o depoimento de Depoentes B e C:

“Eu como mãe e mulher negra me sinto afetada fisicamente e mentalmente, por minhas escolhas e minha vontade de dar uma vida melhor para meu filho, a falta de apoio [...] tanto na Uesb quanto na base familiar para me é um luta diária que vem consequências graves, como ansiedade e início de depressão, nem sempre conseguimos nos dedicar à vida acadêmica, muitas das vezes as exigências e falta de empatia na pratica dos professores nos faz repensar se eu preciso realmente me humilhar pela graduação. Esse problema afeta a capacidade de foco, motivação nas aulas e posteriormente gerando condições que nos expulsam das universidades e nos deixam ainda mais vulneráveis para a vida la fora” (Mulher-negra-mãe-estudante B; 30 anos; Pedagogia/6º sem.; uma filha; manicure e costureira).

- “[...] sinto no meu dia a dia a dificuldade dentro da Universidade além de ter sido muito difícil para chegar até aqui sinto uma dificuldade em permanecer aqui pois não tenho suporte necessário e todos os dias são lutas diárias para permanecer a minha opinião em relação a mulher negra em uma universidade é que ainda somos minoria em sala de aula e desde a nossa época de escola somos julgadas incapaz de estar nesse ambiente. Infelizmente o racismo está presente nos dias atuais e a mulher negra é mal vista pela sociedade e pelo machismo também que existe dentro de uma sociedade a carga da mulher é mais pesada por si só no geral mas quando falamos de uma mulher negra chega a ser pior pois além de enfrentar machismo enfrentamos o racismo que ainda está enraizado na nossa sociedade é necessário que tenhamos uma rede de apoio boa porém sabemos que nem todos nós temos e isso tem causado um cansaço tanto mental como físico pois dentro da Universidade deveria ter uma rede de apoio para mães um auxílio creche ou uma própria creche” (Mulher-negra-mãe-estudante C; 24 anos; Pedagogia/6º sem.; um filho; operadora de calçados).



Entendemos que essas estudantes enfrentam desafios comuns relacionados à permanência na universidade, como a dificuldade de encontrar cuidadores para seus filhos e filhas e a falta de suporte institucional. É importante observar que muitas delas contam com o apoio de suas famílias, como pais e esposos, embora não seja algo constante. A ausência desse suporte familiar pode aumentar os níveis de estresse e fadiga entre as alunas, que precisam equilibrar estudos, trabalho e responsabilidades parentais.

Além disso, é notável o esgotamento físico e mental mencionado pelas Depoentes B e C durante suas entrevistas. A falta de representatividade e inclusão na universidade pode impactar negativamente a experiência das alunas negras. A discriminação, o preconceito e o racismo institucionalizado, como nos alerta Almeida (2020), podem resultar em sentimentos de isolamento, injustiça e estresse, como indicado pelo relato da Depoente B, que mencionou a falta de compreensão por parte dos(as) professores(as) e a necessidade de maior acolhimento. A predominância de um corpo docente branco nas universidades evidencia como as instituições refletem a estrutura social, incorporando o racismo como um de seus componentes orgânicos.

Tanto a Depoente B quanto a Depoente C expressam o desejo de frequentar a universidade em busca de uma vida melhor para si e suas famílias. No entanto, essa expectativa pode criar pressões adicionais e desgaste emocional.

Quanto as estratégias de enfrentamento das dificuldades tivemos os seguintes relatos:

“Como estudante minhas estratégias são: estudar no momento que ela dorme e deixar ela com meus pais para ir às aulas, mas não é sempre que eles podem. Sobre as bolsas que é ofertada acredito que ajuda muito mas ainda é pouco para todos os estudantes. Sobre uma recomendação para a melhoria é a possibilidade de dedicação e permanência dessas mães seria a criação de uma creche e a possibilidade dos próprios alunos de pedagogia trabalharem como auxiliares” (Mulher-negra-mãe-estudante A; 21 anos; Pedagogia/6º sem.; uma filha; babá).

- “A minha estratégia [...] é deixa meu filho com meus pais ou meu marido e eles ficam se revezando pois todos trabalham e quando um



não pode o outro fica, mas tem vezes que não tenho nem um deles pra ficar, então eu levo ele para a universidade comigo, porém sabemos que o ambiente não consegue prender a atenção da crianças, e a criança fica inquieta pois o assunto da aula para elas não são interessante. Volto a reforçar que acredito que o amparo que a universidade deveria dar seria ter creche para o amparo dessas crianças para assim haver permanência na universidade” (Mulher-negra-mãe-estudante C; 24 anos; Pedagogia/6º sem.; um filho; operadora de calçados).

Observamos que a Depoente A menciona a concessão de bolsas de permanência estudantil pela universidade como importantes, embora considere-as insuficientes, enquanto que a Depoente C concorda que a instituição de ensino deve oferecer um suporte mais substancial. Elas enfatizam a importância de estabelecer uma creche no *Campus* como uma medida de apoio adequada para as estudantes, reconhecendo que a maternidade requer cuidados e atenção significativos, e que equilibrar os estudos com a maternidade pode resultar em estresse adicional. A implementação de uma creche seria uma estratégia valiosa para promover a permanência das estudantes e proporcionar um suporte significativo através do acolhimento.

Segundo Silveira (2012) o número de estudantes com filhos nas universidades federais caiu bastante nos últimos anos (9,21% em 2010), entretanto 43,4% dessas(es) estudantes com filhos se utilizam dos serviços de creche, quando oferecidos pelas universidades. Estes dados “demonstram a importância da universalização deste serviço” e do compromisso que as universidades devem ter com essa demanda (SILVEIRA, 2012, p.73), pois nem sempre a família oferece suporte integral a essas mães-estudantes.

É notória a necessidade urgente da reestruturação e da implantação de políticas públicas que estejam permeadas de apoio real e evidente, apesar de, como ressaltado por Almeida (2020), a sociedade ainda permanecer nesse contexto estruturante discriminatório e excludente, dificultando, em muito, a mudança de mentalidade quanto à igualdade entre os seres humanos.



ÚLTIMAS PALAVRAS

Como o estudo ainda está em andamento, não podemos apresentar conclusões ou resultados definitivos neste momento. No entanto, ao término da pesquisa, planejamos elaborar conclusões com base nos dados coletados por meio dos instrumentos de coleta de dados. Além disso, pretendemos fornecer recomendações específicas à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, visando melhorar o suporte e as condições de estudo das estudantes negras que são mães no Campus de Itapetinga.

É importante destacar que a permanência da mulher negra e mãe na universidade é uma constante luta contra a invisibilidade e o preconceito. Elas demonstram uma incrível resistência e persistência na busca por reconhecimento de suas capacidades intelectuais e valorização. Superar esses obstáculos é essencial para quebrar as barreiras impostas e garantir a representatividade e a igualdade de oportunidades nesse ambiente acadêmico.

Conforme Saffioti (2013) argumenta, a maternidade não pode ser encarada como uma responsabilidade exclusiva das mulheres. A sociedade tem um interesse fundamental no nascimento e na socialização de novas gerações, o que é essencial para sua própria continuidade. Portanto, a sociedade deve assumir parte do ônus da maternidade, encontrando soluções satisfatórias para os desafios profissionais que a maternidade impõe às mulheres. Isso requer uma nova cultura que não apenas proclame, mas garanta direitos, oportunidades e igualdade de condições para homens e mulheres, tanto no âmbito privado quanto no público.

Gostaríamos de finalizar com o depoimento abaixo que sintetiza a forma com a sociedade encara a maternidade de estudantes em todos os níveis de escolarização: - “Quando eu tive meu filho eu ainda estava no ensino médio e o que eu mais ouvia era que meu diploma já estava feito que jamais entraria em universidade e muitos chegaram a falar como eu era uma pessoa



de família pobre Jamais seria alguém ainda mais agora que seria mãe e nem os estudos havia terminado” (Mulher-negra-mãe-estudante C; 24 anos; Pedagogia/6º sem.; um filho; operadora de calçados).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANDRADE, Mariana. Mulheres negras recebem 55% menos que homens brancos, diz pesquisa. **Metrópoles**. 08/03/2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mulheres-negras-recebem-55-menos-que-homens-brancos-diz-pesquisa> Acesso em: 17/10/2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boi Tempo, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. **Jornal da USP**, 31/07/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/> Acesso em: 15/10/2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SILVEIRA, Míriam Moreira da. **A Assistência Estudantil no Ensino Superior: uma análise sobre as políticas de permanência das universidades federais brasileiras**. 2012. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

VIECELI, Leonardo. Mulheres negras ganham menos da metade que homens brancos no Brasil, mostra novo estudo. **Folha UOL**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/mulheres-negras-ganham-menos-da-metade-que-homens-brancos-no-brasil-mostra-novo-estudo.shtml> Acesso em: 17/10/2023.